

## *Prefácio*

Existem poucos assuntos sobre os quais os cristãos divergem muitíssimo, tendo opiniões distintas, e estão mais profundamente divididos que a psicologia e o cuidado da alma. O que acontece nessa área do pensamento e prática que a torna tão controversa? Já no início, este livro procura oferecer uma explicação. Mas a maior parte do nosso tempo será investido em uma lista de prioridades mais construtivas: uma proposta para uma estruturação da base para o cuidado cristão da alma (uma categoria extensa que inclui psicoterapia, aconselhamento e orientação espiritual, e de fato abrange as principais tarefas da igreja). As diversas abordagens cristãs ao cuidado da alma, todas elas, fizeram contribuições importantes ao debate. Embora algumas críticas às abordagens atuais do cuidado da alma sejam apresentadas, este livro com certeza deve muito a esse trabalho. Esse modelo é inevitavelmente um tipo de resposta e, por sua vez, é apresentado como uma proposta de se envolver com esse modelo e também de se autocriticar. Também é, portanto, um convite para entrar nesse diálogo contínuo, de modo que todas as partes interessadas na comunidade cristã façam mais progresso em nossa causa comum de servir a Cristo, uns aos outros e à humanidade em nome de Cristo.

No entanto, este livro é inegavelmente uma proposta de *psicologia cristã*. O projeto de uma psicologia cristã ainda não foi completamente compreendido, e sempre haverá diferentes noções do que exatamente ela é (assim como há com respeito à psicologia moderna). A maioria de seus proponentes, todavia, creio eu, concordaria que seu alvo é o desenvolvimento de uma *versão* distintamente cristã da psicologia: uma sábia ciência de seres humanos individuais que inclui a construção da teoria, pesquisa, ensino, formação e diversos tipos de práticas, incluindo o cuidado da alma. Essa ciência provém de um entendimento cristão da natureza humana e, portanto, pode ser distinguida de versões alternativas da psicologia baseada em cosmovisões diferentes.

À primeira vista, pode ser que a “psicologia cristã” seja uma candidata empobrecida para unificar um campo dividido, especialmente já que o termo significa coisas diferentes para pessoas diferentes. Algumas a veem como um oxímoro (MacArthur, 1994); outros a usaram para denominar qualquer atividade no campo da psicologia ou aconselhamento empreendida por cristãos. Mesmo assim, o termo possui uma linhagem digna, e existem boas razões para considerá-lo o termo correto para identificar do que trata este livro. Ponderaremos um pouco o pano de fundo desse termo para que nos sirva de ponto de apoio.

Pode-se dizer que o paradigma da psicologia cristã tem três “momentos” históricos, dependendo de como uma pessoa os compreende. O primeiro, um tipo de psicologia pode ser encontrado na Bíblia e nos escritos da tradição cristã. É fato que só porque durante a maior parte daquele tempo o termo “psicologia cristã” não foi usado não quer dizer que ele não existiu. Poucos desses escritos são científicos no sentido moderno, mesmo assim, eles contêm diversas descrições perspicazes sobre a natureza humana e o cuidado da alma, e acredito que eles fornecem o fundamento e o cerne da psicologia cristã contemporânea. O segundo, Søren Kierkegaard identificou a si mesmo como um psicólogo cristão e descreveu o que fazia como psicologia cristã, embora seu trabalho não fosse empírico da maneira que o é a psicologia moderna (Evans, 1990; Kierkegaard, 1834/1946a, 1847/1938, 1849/1980). Antes de Freud ter nascido, Kierkegaard elaborou em seus diversos escritos uma descrição profunda dos seres humanos e seu desenvolvimento a partir de um ponto de vista solidamente cristão. O terceiro, uma abordagem contemporânea da psicologia e do aconselhamento começou a desenvolver o que equivale a uma distinta versão cristã da psicologia — incluindo alguns esboços preliminares de construção de teoria, pesquisa e modelos psicológicos de cuidado da alma — por meio de uma revisão dos recursos canônicos, históricos e contemporâneos da tradição cristã, bem como por meio da reinterpretação cristã do trabalho da psicologia moderna e pós-moderna. Esse terceiro momento, embora seja o mais recente, não é tão conhecido. Enquanto poucos têm usado o termo “psicologia cristã”, seus colaboradores incluem, acertadamente, Vitz (1994, 1988), White (1979, 1982, 1987), Van Leeuwen (1982, 1985), Evans (1977, 1989, 1990), Roberts (1987, 1993, 2000; Talbot, 1997), Watson (1993, 2004, 2005; junto com Morris, Hood & Hall, 1985; Morris & Hood, 1988a; e Morris, Loy, Hamrick & Grizzle, no prelo), Johnson (1996a, 1996b, 1997, 2000), Crabb (1987, 1988, 1993, 1997, 1999, 2003, 2006), Crabb e Allender (1996), Allender e Longman (1990, 1993, 1995), Allender (1999, 2005), Payne (1991, 1995, 1996), Langberg (1997, 1999), Wilson (1990, 1998, 2001) e Clinton e Ohlschlager (2002) (e sem dúvida ainda outros). Para um sumário da história do terceiro momento, o leitor deve consultar o capítulo introdutório de *Christianity and Psychology: Four Views* [Cristianismo e Psicologia: Quatro Perspectivas] (Johnson & Jones, 2000).

À luz desses três momentos, e apesar da apreensão que seu uso gera, o termo “psicologia cristã” é considerado pelo autor como o melhor título desta época para o trabalho acima reunido e encontrado neste livro.

## **Rumo a uma “cosmovisão” do cuidado cristão da alma**

Seja qual for a abordagem, uma psicologia cristã que deseja ser considerada científica está em sua infância (senão ainda em gestação). Onde é mais necessário avançar com o trabalho? Um candidato útil seria a descrição de como deveria ser uma cosmovisão para o cuidado da alma — que nós poderíamos chamar de *arcabouço de edificação* cristã. O termo *edificação* tem origens metafóricas: sua origem no inglês arcaico significa “templo” ou “casa” (de onde extraímos *edifício*). É também usado na Bíblia para traduzir a palavra grega *oikodomē* (Rm 15.2; 1Cor 14.3; Ef 4.29), que denota fortalecimento ou “edificação uns dos outros” (Arndt & Gingrich, 1957). O objetivo do cuidado da alma é a construção ou a edificação da alma. Nesse sentido, todas as religiões e formas de psicoterapia visam a algum tipo de edificação. Como resultado, o termo *arcabouço de edificação* (A.E.) será usado para se referir ao “conjunto de estruturas volitivo-axiológico-cognitivas articuláveis de um terapeuta relevantes para melhorar o estado de bem-estar de uma pessoa” (Johnson & Sandage, 1999, p. 2). Esse arcabouço abrange alguns componentes, incluindo a estrutura narrativa que ajuda a dar sentido às histórias dos pacientes, bem como a muitas crenças a respeito da natureza humana: sua composição, qualidades importantes, problemas da alma e suas causas, e as soluções para esses problemas. Um subconjunto dessas crenças é normativo e inclui pressupostos concernentes aos valores, qualidades, virtudes, objetivos desejáveis e moralidade, bem como o objetivo abrangente e geral ao qual os seres humanos devem aspirar, o *telos* humano. Este livro fornece uma descrição de algumas das principais características desses fundamentos para uma compreensão cristã do cuidado da alma.

## **Características distintivas principais desse modelo de cuidado da alma**

Alguns novos aspectos do modelo apresentado neste livro provavelmente devem ser explicados.

**É doxológico.** O cristianismo é um sistema de vida e de pensamento centrado em Deus. Deus é o Senhor da criação e Senhor da aliança (Frame, 1987, 2002; Horton, 2002), portanto os cristãos devem a ele sua mais elevada fidelidade, lealdade e amor. Para os que foram libertos por sua graça, é fácil amá-lo, por causa da incrível beleza dele.

Uma coisa pedi ao SENHOR, é o que procuro: que eu possa viver na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a bondade do Senhor e buscar sua orientação no seu templo (Sl 27.4).

Do ponto de vista cristão, “a beleza é uma característica indispensável ao pensamento cristão; tudo o que a teologia viu sobre a vida triúna de Deus, a dádiva da criação, a encarnação do Verbo e a salvação do mundo abre espaço para — na realidade depende de — uma ideia e uma narrativa do “belo” (Hart, 2003, p. 16). Os cristãos ao longo da história reconheceram que Deus é intrinsecamente belo, bem como a fonte de toda a beleza criada. Jonathan Edwards, por exemplo (1765/1960), descreveu Deus como o ser “infinitamente mais belo e excelente” (p. 14), “a fundação e fonte de todo o ser e de toda a beleza” (p. 15).

Uma palavra mais comum para beleza, na linguagem cristã, é glória. A palavra grega para glória (*doxa*) significa claridade, esplendor ou brilho (Arndt & Gingrich, 1957, p. 202), e a glória de Deus foi definida como a difusão ou o brilho de sua beleza, isto é, a manifestação de seus atributos gloriosos — sua santidade, retidão e amor (Balthasar, 1982-1991; Barth, 1957; Bavinck, 2004; Edwards, 1765/1998; Muller, 2003). Do ponto de vista do cristianismo, o amor infinito que a Trindade compartilha entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo talvez seja a maior beleza de Deus.

Visto que Deus criou todas as coisas para a sua glória (Is 43:7; Rm 11:36; Ef 1; Ap 4.8-11), talvez se espere que o bem-estar dos portadores da imagem dele esteja alinhado à celebração, expressão e participação dessa glória por parte deles. Em um ser humano virtuoso, “a glória de Deus é revelada como algo comunicável e intrinsecamente prazeroso, como incluindo a criatura na sua totalidade, e como completamente digno de amor” (Hart, 2003, p.17). Qual é a resposta humana adequada à glória ou beleza de Deus? Louvor e amor e imitação. A alma que vê algo da infinita beleza de Deus não consegue fazer outra coisa a não ser exclamar elogios, sentir-se atraído a essa beleza, desejar participar dela e se parecer com ela, e procurar viver para exaltá-la.

Como resultado, um modelo cristão de cuidado da alma precisa ser *daxológico* (Yates, 1997), isto é, precisa almejar interpretar e conduzir tudo de forma a promover a apropriação e manifestação da glória de Deus da melhor maneira possível. Deve agir de tal maneira que atraia outros para uma órbita cada vez mais próxima de Deus, para um amor maior por Deus e pelos outros (em imitação à Trindade), e para uma semelhança maior com Deus. Desnecessário dizer que essa é uma estrutura radicalmente diferente para o cuidado da alma que a que governa a psicoterapia e o aconselhamento modernos.

**É semioidiscursivo.** Uma outra forma de pensar sobre a glória é “significado”. A glória de Deus consiste no infinito peso de sua grandeza e bondade; ela é todo o significado que ele possui — sua importância. A semiótica é o estudo que lida com a representação do significado. O tipo mais básico de representação é o signo. Como Agostinho (trad. 1997) observou, um signo é qualquer coisa que se refere a outra coisa. Signos são “indicadores” que representam ou

“significam” outras coisas. Enquanto quase qualquer coisa pode ser um signo para outra coisa, o cuidado da alma está interessado nas funções referenciais de vários aspectos da vida humana: linguagem, emoções, imagens mentais, ações e outras pessoas, e textos no geral, incluindo narrativas.

Assim como uma pintura inevitavelmente “aponta” para aquele que a pintou, Deus criou um mundo que o significa. Tudo carrega a sua assinatura, mas algumas criaturas representam Deus de modo mais claro que outras. Os seres humanos, por exemplo, são feitos “à semelhança” de Deus, indicando um grau relativamente alto de correspondência semiótica. Como portadores de sua imagem, os seres humanos deveriam lembrar Deus; quanto maior a semelhança, melhor é. Deus, com o passar do tempo, criou signos de si mesmo com o propósito de manifestar um pouco de sua glória por meio da criação. O modelo de cuidado da alma deste livro tem como objetivo auxiliar os seres humanos a se transformar em melhores signos de Deus.

Palavras também são signos de significado, então a linguística é considerada por alguns como um braço da semiótica. Uma língua é o sistema formal de signos mais complexo e poderoso que conhecemos, então ela pode comunicar significado com uma enorme sofisticação (se comparada a expressões faciais, por exemplo). No entanto, uma língua no abstrato é inerte; ela só “entra no mundo” *em uso*. O *discurso* é o uso verdadeiro de uma língua por um autor (orador ou escritor) para comunicar significado. “Deus é um Ser comunicante” (Edwards, 1994, p. 410), então não é de surpreender que o discurso apareça com proeminência na lista de prioridades de Deus para comunicar sua glória por meio dos portadores de sua imagem. Para começar com a criação, aprendemos na Bíblia que a ordem criada é uma função da fala de Deus, então podemos deferir que ela é dotada de significado, significado esse que a ciência revela ou explica: tudo que é criado é constituído pela palavra de Deus. Segundo, considere quão fundacional a língua é para o desenvolvimento humano, tornando possível a compreensão da razão, das emoções complexas, das relações sociais, da responsabilidade moral, até mesmo da espiritualidade. A menos que sejam criados dentro de uma comunidade discursiva e educados dentro de suas formas de fala, parece que os seres humanos não conseguem atingir nenhum grau de maturidade humana. Terceiro, Deus revela a si mesmo e seu plano de salvação no discurso inspirado e explícito da Bíblia.

Por conseguinte, o discurso, de maneiras muito diversas, é constitutivo da realidade criada, humana e cristã, e o cuidado cristão da alma está interessado na reconstituição desses três aspectos. No entanto, por outras duas razões práticas, também estamos preocupados com o discurso neste livro: a primeira, porque a formulação da teoria psicológica cristã e sua prática está diretamente relacionada a textos — a Bíblia e a literatura cristã relevante e o corpo massivo de discurso

conhecido como psicologia moderna; e a segunda, porque o cuidado da alma é fundamentalmente discursivo; ele inevitavelmente implica a conversação (Martin, 1994) — até mesmo a terapia comportamental requer o discurso explicando o uso de várias técnicas.

Então o cuidado cristão da alma é semiodiscursivo: ele se preocupa com o significado — sobretudo com a glória — expressado por meio de signos, expressões ou textos. Esse modelo, por conseguinte, é inevitavelmente hermenêutico, isto é, ele envolve a interpretação do discurso (incluindo os “textos” de outros e os eventos da vida deles).

*É dialógico/trialógico.* Mas o discurso tem um objetivo mais profundo: o relacionamento interpessoal. O discurso é comunicação, e a comunicação tem o propósito da comunhão. Por meio do discurso, os seres humanos se envolvem em diálogos para se relacionar, informar, influenciar e desfrutar um do outro. De acordo com Bakhtin (1981, 1986), no entanto, o diálogo é mais que apenas seres humanos conversando — é o fundamento da natureza humana. Seres humanos são “cosseres” (Holquist, 1990). O “eu” se relaciona necessariamente com o outro; ele não pode se desenvolver ou existir sozinho — mesmo o eremita foi formado pelo diálogo e carrega um diálogo em si mesmo. O espaço social que cada indivíduo habita foi habitado há muito tempo por outros, e estes falaram e estão em algum sentido falando (por meio de textos escritos, como também por meio da transmissão contínua do discurso cotidiano). Um novo discurso humano resulta do discurso de outros. As expressões de um iniciam as respostas do outro, as quais a seguir provocam novas expressões de outros, e assim se constitui o diálogo no qual a vida humana se fundamenta.

O diálogo adulto pode ser particularmente edificante. Quando duas pessoas se encontram, cada uma pode saber coisas que a outra não sabe e cada uma pode ver coisas sobre a outra pessoa não vê. Então se elas se amam, o diálogo entre elas leva inevitavelmente ao enriquecimento e à edificação uma da outra. O diálogo humano deve ser um modelo concreto de comunhão divina. O Deus triúno existe eternamente em um diálogo de amor interpessoal e glorificação mútua (Jo 17.3,21). O diálogo é fundamental para a vida de pessoas, e os seres humanos espelham a Trindade em conversas amorosas, recíprocas e edificantes. Além do mais, o ser humano portador da imagem se percebe principalmente no diálogo com o Deus vivo, que fala conosco de uma forma ou de outra por meio das Escrituras (mais claramente), da criação e do nosso diálogo com outros.

O cuidado cristão da alma, de acordo com esse modelo, promove comunhão relacional por meio do diálogo. Deus é um parceiro de diálogo na cura cristã da alma e nós estamos sempre situados no meio de uma história e matriz de conversações humanas, uma das quais ocorre entre conselheiro e aconselhado. Compreendido da maneira correta — pela fé — o cuidado cristão da alma é

sempre um *triálogo*, envolvendo o conselheiro, o aconselhado e o Deus onipresente (Kellemen, 2005b; Sphar & Smith, 2003).

**É canônico.** Esse modelo também é bíblico. A Bíblia é o Texto dos textos, o Discurso dos discursos. Por ser a palavra inspirada de Deus em linguagem humana, ela oferece aos cristãos a chave semiodiscursiva de Deus para interpretar o universo, particularmente o significado e a relevância da vida humana, e, por meio da Bíblia, o Deus triúno se encontra e dialoga com seu povo. Desde os primórdios da igreja, a Bíblia foi designada de *cânone*. O termo *cânone* vem da palavra grega *kanōn*, cujo sentido é regra, medida ou padrão (Packer, 1988). Então o termo identifica a Bíblia como a regra investida de autoridade para a vida cristã. “O cânone é a norma da linguagem, do pensamento e da ação cristã” (Vanhoozer, 2005, p. 217). Como resultado, ela serve de “regra” ou “guia” fundamental para o cuidado cristão da alma, revelando-nos como a vida humana pode promover ao máximo a glória de Deus. Considerando-se a posição da Bíblia, o cuidado cristão da alma deveria ter como objetivo principal a formação e a edificação de seus conselheiros na “competência canônica” (Vanhoozer, 2000), uma forma de ver e de viver moldada pela Bíblia.

Isto é especialmente importante no século XXI, já que nos últimos 125 anos o campo da psicologia e do cuidado da alma foi quase todo composto de textos produzidos a partir de uma estrutura secular. Isso requer dos cristãos o desenvolvimento de uma hermenêutica canônica de tais textos, de forma que possam ser interpretados do ponto de vista cristão. O cânone das Escrituras fornece os “óculos” (Calvino, 1559/1960) pelos quais lemos e compreendemos esses textos, bem como a natureza humana em geral.

**É psicológico.** Mas de que maneira o modelo acima poder ser considerado legitimamente *psicológico*? Todo este livro é uma tentativa de responder a essa pergunta, mas uma resposta sucinta é destacar que o objetivo primário de nosso interesse aqui não é a matemática, a química ou a sociedade, nem Deus, nem tampouco a Bíblia, mas sim a natureza de seres humanos individuais e sua psicopatologia e recuperação, e o nome para a ciência desses interesses atualmente é *psicologia*, o estudo da alma. Os provedores do cuidado cristão da alma estudam a Bíblia não para seu bel prazer, mas para a luz que esclarece e elucida a natureza dos seres humanos e visa a seu bem-estar e melhoria. Uma versão cristã abrangente da psicologia deveria ser rigorosamente empírica, experimental, filosófica e bíblica, e deverá lidar com uma vasta gama de tópicos, como as relações cérebro-alma, a genética, as crenças, a memória, a racionalidade, a emoção, a motivação, as relações sociais, as virtudes, os processos de desenvolvimento, a imagem de Deus, a agência humana, o pecado, a personalidade, a narrativa e os efeitos da redenção, pois essas coisas constituem e moldam os seres humanos.

Alguns resistirão chamar a disciplina acima de psicologia. Ela poderia ser chamada de antropologia (como nos campos da filosofia e da teologia). Mas —

de acordo com a maioria dos estudiosos que trabalham atualmente no estudo de seres humanos individuais, seus problemas e sua remediação — *psicologia* é o termo designado para isso. Então chamaremos este modelo de psicologia; é simplesmente um exemplo de psicologia *cristã*.

## **A natureza da natureza humana**

Talvez um livro com o assunto descrito acima deveria possuir em algum lugar uma discussão completa a respeito da ontologia dos seres humanos que o fundamenta. O leitor encontrará algumas considerações sobre esses assuntos (em especial na Parte II). Entretanto, menos tempo que o desejado será investido em tais assuntos. Isso se deve, ao menos em parte, a algum ceticismo meu em relação a nossa capacidade de resolver alguns dos dilemas relacionados à natureza humana. Acredito que sou um pouco como um “Novo Misterioso” (ver McGee, 2000) — alguém que questiona se os seres humanos possuem a capacidade cognitiva para serem capazes de explicar satisfatoriamente o relacionamento entre o cérebro e a alma (mas talvez tudo que eu esteja questionando é se *EU* conseguirei compreender isso algum dia!). Mas eu reconheço que algo precisa ser dito, antes de embarcarmos nesta jornada.

A Bíblia e o “senso comum” me convenceram que a dicotomia percebida entre o corpo e a alma (incluindo o cérebro e a mente) — universalmente comum à experiência humana — é uma distinção fundamental (Johnson, 1998a). Além do mais, para mim, parece que não existe maneira alguma de compreender essa dicotomia, particularmente a existência da alma no estado intermediário (após a morte, mas antes da ressurreição do corpo), sem uma noção de que a alma é um tipo de substância imaterial. No entanto, tendo como base uma grande pesquisa sobre o cérebro, parece que Deus estabeleceu que nesta era (em contraste com o estado intermediário), a alma é completamente dependente do cérebro, com o que eu quero dizer que tudo que a alma experimenta (percebe, pensa, sente) e faz, possui uma base ou correlação psicológica.

Não obstante, positivamente, também gostaria de afirmar que tanto a alma quanto o cérebro são caracterizados por semiodiscursividade, isto é, de alguma forma o cérebro e a alma são ambos uma função da fala de Deus. O Deus criador-sustentador mantém todas as coisas unidas — materiais e imateriais — por meio da palavra de seu poder (Hb 1.3; ver também Jo 1.3; Cl 1.15). (Como o leitor descobrirá na Parte II, acredito que os seres humanos adultos são de fato constituídos por quatro “ordens de discurso divino”.) Consequentemente, minha posição carrega alguma similaridade com a do Bispo George Berkeley e Jonathan Edwards, ambos os quais pareciam acreditar que tudo na criação era uma função das *ideias* de Deus.

Além do mais, a alma, embora em alguns aspectos simples (por exemplo, não pode ser cortada em partes), também aparenta se desenvolver ao longo da